Francisco Gonçalves de Sousa Júnior
Professor de biologia do ensino básico.

SAPIENS

A raça de todos nos

Primeira Edição

Missão Velha - Ce
2020

Este livro foi diagramado e produzido pelo autor que detém todos os direitos de conteúdo, comercialização, estoque e distribuição dessa obra.

Palavras do Autor

Como fazia em todos os dias úteis da semana, eu sai de casa no início de uma tarde qualquer em direção à escola, no ano de 1985. Era o primeiro mês de aula e eu estava empolgado, pois até o ano anterior eu tinha tido apenas uma professora para todas às disciplinas. E agora, além de mudar de escola, o sistema também mudara. Passamos a ter um professor por disciplina. Na época funcionava assim: Em uma escola você cursava o ensino de primeiro grau menor (de 1ª a 4ª série), em outra escola o primeiro grau maior (de 5ª a 8ª série), e por ultimo fazia o ensino de segundo grau em um terceiro estabelecimento de ensino.

Eu estava começando a cursar à 5ª série, e uma das disciplinas estava sem professor há semanas, justo a de ciências. Neste dia comum, apareceu na sala um professor substituto, e coincidentemente o livro didático foi nos entregue naquele mesmo dia. Então fizemos uma leitura sobre o surgimento do universo, estrelas e planetas, através de uma teoria que nunca havia ouvido falar: o "Big Bang". A partir desse momento fui fascinado pela ciência e sua forma de explicar as coisas, pois até então, todas às explicações sobre o surgimento de tudo que eu tinha ouvido falar tinha o cunho divino.

Durante todo o final de semana seguinte fiquei em casa lendo minuciosamente todas as páginas daquele livro, até chegar ao capítulo que falava sobre a origem da vida na terra e o surgimento do homem. Fiquei chocado com a possibilidade de sermos descendentes de primatas peludos como os macacos africanos. Passei, então, a buscar, nos anos subsequentes, cada vez mais subsídios teóricos para tal tese científica, até conseguir emprestado um velho livro de história natural que perten-

cia à mãe de um amigo que havia feito curso superior em geografia há muitos anos. Nele, pela primeira vez, fui vislumbrado pela teoria da evolução segundo Charles Darwin, e nunca mais deixei de investigar em artigos, livros e revistas à evolução da diversidade da vida, e em particular o surgimento e Ascensão da humanidade.

ÍNDICE

AS RAÇAS E O RACISMO.....07

O DNA E A ORIGEM DA VIDA.....13

CHIMPANZÉS, NOSSOS PARENTES MAIS PRÓXIMOS.....17

TODOS SOMOS AFRICANOS.....23

A FAUNA HUMANA.....27

O ÊXODO AFRICANO E A MARCA GENÉTICA.....35

PELE NUA.....41

A LACTOSE E A INTOLERÂNCIA.....47

A INTELIGÊNCIA HUMANA.....51

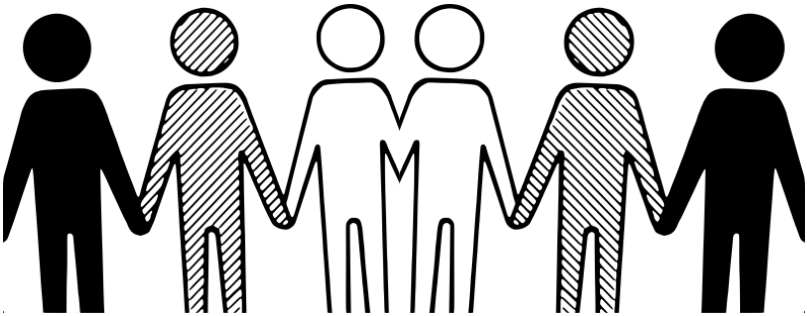
AINDA EVOLUINDO.....57

COMO SEREMOS EXTINTOS.....71

BIBLIOGRFIA.....75

As raças e o racismo

"Nem branca, nem negra, amarela ou vermelha. Na face da Terra existe uma única raça: a humana. Todos nós fazemos parte dela."



Junior, Francisco G. de Sousa/2020.

Texto adaptado de: brasil247.com, de 3 de agosto de 2012.

Na história da humanidade as políticas racistas sempre tiveram, na maioria das vezes, a legitimação científica em sua hierarquização social, seus preconceitos e exclusões. Muitos foram os cientistas que buscaram conceber teorias, critérios e teses que supostamente definiam as características das diferentes "raças" humanas e formulavam a base de sustentação de eventos que marcaram a nossa história, como a expansão colonial europeia, o apartheid sul-africano, o segregacionismo norte-americano e o nazismo.

Nos últimos tempos, a palavra raça vem desaparecendo discretamente dos livros escolares e as antigas classificações foram desacreditadas. Isso acontece graças às descobertas da paleontologia, da genética, da etnologia. Mesmo assim, ainda existem alguns pesquisadores isolados que defendem a

existência de raças. Como os psicólogos Charles Murray e Richard Herrnstein que em 1994 publicaram nos Estados Unidos o livro *The Bell curve*, com gráficos e análises que "demonstravam" que o QI de negros era inferior ao dos brancos. Então, a obsessão racista que inspirou o livro não deixou margem para dúvidas e seu objetivo político.

O que nós nos perguntamos é por que um cientista se interessa por "raças" humanas para procurar demonstrar sua desigualdade. Os defensores do racismo sempre utilizam frases de efeito para proclamar que o "politicamente correto" é cientificamente incorreto.

No século XVIII, o botânico sueco Carl Von Linné criou o sistema de classificação dos seres vivos, ainda hoje utilizado. Ele estabeleceu o nome científico de *Homo sapiens* para a espécie humana. Mas, obedecendo ao pensamento dominante na época, dividiu a humanidade em subespécies de acordo com características como: a cor da pele, o tipo físico e determinados traços de caráter. Os nativos americanos, "geniosos, despreocupados e livres"; os amarelos asiáticos, "severos e ambiciosos"; os negros africanos, "ardilosos e irrefletidos"; e os brancos europeus, "ativos, inteligentes e engenhosos". Esta divisão feita em "grandes raças" foi totalmente aceita, e serviu de base para classificações futuras, que alteravam a de Linné em variedades e chegavam a 400 raças.

No século XIX, com descobertas arqueológicas vieram novas explicações para a origem do homem na Terra e a origem do planeta que habitamos. Em *A origem das espécies,* Charles Darwin formulou a teoria da mutação das espécies. Observou que, por meio da mutação, as espécies se adaptam ao meio natural, diferenciam-se de acordo com a adaptação ao meio e dão origem a novas espécies. Concluiu, então, que

algumas espécies menos adaptadas se extinguiam dando lugar a outras. Esse processo seria o da seleção natural. Mais tarde, Darwin estendeu essa teoria para o surgimento do homem, classificando-o como descendente dos antropoides. A comunidade científica e outros setores da sociedade opuseram-se a essa conclusão, pois não podiam admitir que o homem branco, "superior", descendesse de macacos. Na verdade, sabe-se hoje que o homem é parente do macaco e não seu descendente. As descobertas de Darwin foram muito importantes, mas não definitivas, pois as pesquisas continuam, lançando sempre novas descobertas sobre as origens do homem.

Existem, então, dois conceitos diferentes de 'raça' humana: um inclui as particularidades perceptíveis entre os indivíduos (língua, cultura, aparência física), devido às diferenças de suas populações de origem; outro é o conceito 'científico', igualmente empírico, aquele que foi estabelecido por Linné no século XVIII, o das quatro raças.

Já hoje em dia, quando se fala na existência de raças humanas, implica em dizer que existem grupos distintos, possuidores de traços "comuns" entre si e de particularidades que não se encontraram em nenhum outro grupo. É claro que entre um Nigeriano, um vietnamita e um francês existem, evidentemente, diferenças físicas visíveis: cor da pele e dos olhos, tamanho, textura dos cabelos etc. Mas hoje em dia já sabemos que o patrimônio genético dos três é extremamente próximo. A descoberta dos grupos sanguíneos, da variação das enzimas, das sequências de DNA, dos anticorpos e tantas outras, puseram em evidencia o parentesco dos homens entre si, assim como sua extraordinária diversidade.

Em 2002, quando uma equipe de sete pesquisadores

dos Estados Unidos, França e Rússia comparou 377 partes do DNA de 1056 pessoas originárias de 52 populações de todos os continentes, o resultado mostrou que entre 93% e 95% da diferença genética entre os humanos é encontrada nos indivíduos de um mesmo grupo e a diversidade entre as populações é responsável por 3% a 5%. Ou seja, dependendo do caso, o genoma de um africano pode ter mais semelhanças com o de um finlandês do que com alguém de seu próprio país na África. O estudo também mostrou que não existem genes exclusivos de uma população, nem grupos em que todos os membros tenham a mesma variação genética.

Na sua longa evolução até atingir a sua forma humana final, nosso ancestral foi se adaptando fisicamente às condições ambientais. Perdeu os pelos do corpo, provavelmente a pouco menos de dois milhões anos, por que começou a fazer longas caminhadas e precisava esfriar o corpo. Sem pelo, ficou com o corpo exposto e as células que produziam melanina se espalharam por toda a pele. A mudança na coloração da pele foi descoberta em 1991pela antropóloga Nina Joblonski, da Academia de Ciências da Califórnia, Estados Unidos, ao encontrar estudos que mostravam que pessoas de pele clara expostas à forte luz solar tinham níveis muito baixos de folato. Como a deficiência dessa substância em mulheres grávidas pode levar a graves problemas de coluna em seus filhos, e como o folato é essencial em atividades que envolvam a proliferação rápida de células, tais como a produção de espermatozoides, a antropóloga concluiu que nos ambientes próximos à linha do Equador, a pele negra era uma boa forma de manter o nível de folato no corpo, garantindo assim a descendência sadia. Para provar suas teorias a respeito de cor da pele, Nina Joblonski usou um satélite da NASA e criou um mapa de padrões de radiação